

**RESENHA**

LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana*: danças, piruetas e mascaradas. Tradução Alfredo Veiga-Neto. Porto Alegre: Contrabando, 1998.

---

As boas qualidades do livro de Larrosa começam pela maneira como encara a Pedagogia. O adjetivo *profana* proclama a ousadia do tom desafiador aos padrões herdados do exclusivo enfoque científico e sério das questões relativas ao ensino e à aprendizagem. Viajando por caminhos alternativos, o escritor seleciona os acompanhantes da aventura de ensinar conscientizando: Rousseau, Rilke, Peter Handke, Pirandello, J. Lezama.

O conjunto de escritores mencionados revelam as faces da realidade que a pedagogia sacralizada tende a esquecer ou omitir. São os passos de construção da identidade pessoal aprendidos no comércio com a literatura e sem os impostos do saber compartimentado. A intertextualidade e a interdisciplinaridade são os métodos adotados por Larrosa para meditar a respeito dos valores que constroem o indivíduo, apresentados ao educando na biblioteca muito mais do que na sala de aula.

Impressiona ao leitor do livro a quantidade de textos e leituras que servem de referencial para o desenvolvimento dos argumentos do pedagogo. Aliás, a etimologia do termo – pedagogo aquele que leva o menino pela mão – é a menos apropriada. O conceito de conduzir, implícito na idéia de levar pela mão, não se coaduna com o processo de reflexão apresentado por Larrosa. Antes de tudo, ele nos submerge num redemoinho de citações e metáforas, ocasionando uma tempestade cerebral profundamente criativa. Devemos encontrar por força de nossos pulmões e braçadas o caminho de retorno à praia da razão. O turbilhão é de tal forma intenso e abrangente que se torna difícil indicar em alguns itens todos os assuntos que o livro aborda.

Tentemos, todavia, sintetizar o que for possível para que esta resenha não se torne de todo inútil.

O livro é dividido em três partes. A primeira, *Como se chega a ser o que se é*, consiste numa análise das *Confissões*, de Rousseau, em que se misturam o discurso dissertativo e o literário numa poetização das perguntas mais dolorosas do ser humano sobre a identidade e o estar-no-mundo. *Confissões* é o texto-guia para a compreensão do processo em que se dá a aquisição desse conhecimento. Esta primeira parte tem acentuada presença da filosofia nietzscheana em que a construção do sujeito não é linear nem homogênea, mas acima de tudo uma

invenção do caminho para se chegar à criação de si mesmo, uma conquista, nunca uma conformação.

Sobre as metamorfoses e a ruptura com os convencionalismos e sobre a importância dos livros para se chegar à compreensão do mundo, Larrosa elabora um texto intrinsecamente intertextual, em que a interpretação é posta não como um dado a ser extraído de seu discurso, mas como uma construção pessoal do leitor.

A segunda parte se intitula “A experiência da leitura” e compreende três diferentes estudos sobre o papel do leitor e a importância da leitura como um caminho para fugir ao pensamento único e à limitação ao já descoberto. São reflexões apoiadas na tradição pedagógica humanista, que entende os livros canônicos como destinados a conhecer, ampliar e “depurar os recursos do espírito humano”. Mas encara também a leitura como capaz de transcender a formação para fazer o indivíduo atuar na transformação do mundo. Estabelece-se, assim, o sujeito e o cidadão. A leitura não é vista por Larrosa como asseguradora, muito ao contrário, é sempre “in-quieta”, capaz de se transformar numa “experiência de abandono das seguranças do mundo administrado”. E porque não se subordina ao dogmatismo e à tutela do pensamento alheio, a leitura se converte em bandeira de liberdade, unindo em suas fileiras os leitores pertencentes a uma comunidade que recusa o consenso.

A terceira parte é mais instigante ainda porque conduz o leitor pelos meandros dos conceitos pré-estabelecidos, como discurso pedagógico, realidade, infância, educação e estudo, para contrapor a eles uma visão diferenciada. Em qualquer um deles, a posição de Larrosa é sempre de autonomia e liberdade do sujeito. A educação se apresenta como um processo de alteridade: o aluno é o Outro que olha a nós, educadores, interrogativamente, propondo uma relação de diferenças e não de submissão a imagens que lhe atribuímos como uma auto-defesa. A infância não é uma categoria construída por nós, mas é uma noção em constante fazer-se, inclassificável, insubordinável.

A pedagogia proposta por Jorge Larrosa está vincada por este viés libertário e emancipador, que é a plena essência da educação que se preocupa com o por-vir. Apenas por esse mérito já valeria a leitura de *Pedagogia Profana*. Há, contudo, uma força igualmente valiosa que atrai e subjuga: a linguagem.

As alegorias e metáforas se sucedem numa frase que ora tem o ritmo e o fôlego da fala oral, ora se derrama como num tratado filosófico, ora envereda pelas trilhas da ficção e dos jogos verbais, fazendo o leitor descobrir as múltiplas faces das palavras e os infinitos efeitos de sentido que o escritor pode retirar como efeito da quebra da exposição mecânica e tradicional do pensamento. A lamentar apenas alguns erros de impressão e a tradução esdrúxula do termo

*novela* do espanhol para o mesmo vocábulo em português, ignorando a existência de *romance*, o termo próprio para a tradução da palavra *novela*, de vez que a teoria da literatura impõe diferenças importantes entre os dois.

*Marta Morais da Costa*